

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**  
**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura**  
**e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a**  
**agricultura**

**Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel**  
**Período de Análise: 01/04/2013 a 30/04/2013**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## Índice

<b>AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL</b> .....	4
<b>Etanol</b> .....	4
<b>Petrobras tem novo recorde em refinarias no Brasil, afirma Graça Foster.</b> Mariana Sallowicz – Folha de São Paulo, Mercado. 01/04/2013 .....	4
<b>GraalBio, de etanol celulósico, muda nome para GranBio.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Empresas. 01/04/2013 .....	4
<b>Copersucar agora é líder mundial em açúcar e álcool</b> – O Estado de São Paulo, Economia. 15/04/2013.....	5
<b>Ser líder é só o começo.</b> Fernando Scheller – O Estado de São Paulo, Negócios. 15/04/2013.....	5
<b>Diretor da Unica defende retomada de tributo federal para gasolina</b> – Folha de São Paulo, Mercado. 24/04/2013.....	7
<b>POLÍTICA NACIONAL</b> .....	8
<b>Biodiesel</b> .....	8
<b>SP vai incentivar investimentos em energia solar e uso de biocombustíveis</b> – Folha de São Paulo, Mercado. 02/04/2013 .....	8
<b>Entregas de biodiesel crescem 15,4% no 1º bimestre.</b> Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Empresas. 02/04/2013 .....	9
<b>Etanol</b> .....	9
<b>Preço do etanol em SP volta a subir após cinco semanas seguidas de queda</b> – Folha de São Paulo, Mercado. 08/04/2013 .....	9
<b>Abastecer com etanol só compensa em GO e MT, segundo dados da ANP.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico. 08/04/2013 .....	9
<b>Produção de cana ultrapassa 650 milhões de toneladas.</b> Raimundo Estevam – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 09/04/2013 .....	10
<b>Produção de cana deve crescer 11% em 2013/14.</b> Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico, Empresas. 09/04/2013 .....	10
<b>Incentivos a setores químico e sucroalcooleiro serão anunciados 'em breve', diz Mantega.</b> Carolina Agostini e Carolina Oms – Folha de São Paulo, Mercado. 10/04/2013.....	11
<b>Câmara aprova incentivo à produção de etanol nas regiões Nordeste e Norte.</b> Márcio Falcão – Folha de São Paulo, Mercado. 10/04/2013 .....	12
<b>Etanol hidratado sobe 6% em São Paulo na última semana</b> – Folha de São Paulo, Mercado. 15/04/2013.....	12
<b>União quer barrar desapropriação de refinaria Manguinhos na Justiça.</b> Italo Nogueira – Folha de São Paulo, Mercado. 20/04/2013.....	12
<b>Dilma propõe hoje pacote de incentivos para setor de etanol.</b> Natuza Nery e Valdo Cruz – Folha de São Paulo, Mercado. 22/04/2013 .....	13
<b>Governo vai reduzir tributo para baratear etanol e forçar queda da gasolina.</b> Valdo Cruz e Fernanda Odilla – Folha de São Paulo, Mercado. 22/04/2013 .....	14

<b>Pacote para setor de etanol não garante redução no preço, diz Dilma.</b> Fernando Odilla – Folha de São Paulo, Mercado. 23/04/2013.....	15
<b>Governo zera tributo do etanol, aumenta mistura na gasolina e reduz juro do produtor.</b> Carolina Oms – Folha de São Paulo, Mercado. 23/04/2013 .....	16
<b>O pacote de apoio ao etanol.</b> Luis Nassif – Site da Carta Capital, Economia. 24/04/2013.....	18
<b>Fim da queima da cana provocará 280 mil demissões no Nordeste, diz entidade –</b> Folha de São Paulo, Mercado. 24/04/2013.....	18
<b>BNDES e BB são os maiores credores da usina de etanol de amigo de Lula.</b> David Friedlander – O Estado de São Paulo, Economia. 24/04/2013.....	19
<b>Análise: Investimentos só retornam com plano de longo prazo para etanol.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Mercado. 24/04/2013 .....	20
<b>Mecanização tem avanço lento em canaviais "independentes".</b> Fabiana Batista e Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 25/04/2013.....	21
<b>Etanol volta a ter condições para recuperar mercado –</b> O Globo, Opinião. 25/04/2013.....	23
<b>Endividadas, indústrias estão fechando as portas.</b> Ronaldo D’ercole – O Globo, Economia. 27/04/2013.....	24
<b>Mistura de etanol na gasolina muda e produtores faturam R\$ 2,9 bi a mais.</b> José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 29/04/2013.....	25
<b>RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....</b>	26
<b>Etanol.....</b>	26
<b>Nos EUA, Campos diz que Petrobras vive situação 'indesejável'.</b> Raul Juste Lores – Folha de São Paulo, Poder. 11/04/2013 .....	26
<b>Estrangeiros são a nova geração de usineiros.</b> Germano Oliveira – O Globo, Economia. 27/04/2013.....	26

## AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

### **Etanol**

#### **Petrobras tem novo recorde em refinarias no Brasil, afirma Graça Foster. Mariana Sallowicz – Folha de São Paulo, Mercado. 01/04/2013**

A presidente da Petrobras, Graça Foster, afirmou nesta segunda-feira (1º) que a companhia bateu recorde diário de processamento em suas refinarias no sábado (30).

"Foram 2,137 milhões de barris por dia, ante o recorde anterior de 2,115 milhões [registrado em 3 de março]", disse a presidente após evento da FGV (Fundação Getúlio Vargas), no Rio.

Ela afirmou que a empresa investiu mais de US\$ 25 bilhões nas refinarias para torná-las mais flexíveis.

#### *ETANOL*

A presidente da Petrobras afirmou que o consumo de etanol voltará a crescer no país. "A previsão é de uma taxa média anual de crescimento de 6,9% até 2030."

Segundo ela, o problema do etanol "é fácil de resolver". "É preço".

Graça Foster disse que a tendência é que o consumo de gasolina caia à medida que o etanol ganhar mais participação.

---

#### **GraalBio, de etanol celulósico, muda nome para GranBio. Fabiana Batista – Valor Econômico, Empresas. 01/04/2013**

A GraalBio, empresa que tem um mega projeto de produção de etanol celulósico, informou hoje ao mercado que seu nome foi alterado para GranBio. A mudança foi motivada por um registro anterior de outra empresa com marca similar, de uma rede de alimentos e distribuição de combustíveis.

O prefixo Gran também passa a denominar todas as empresas da holding GranInvestimentos: GranBio e GranEnergia, empresa que atuará nas áreas de óleo e gás e logística. A família Gradin também continua detentora da Graal Participações, holding que tem ações em outras empresas, como a Odebrecht. As duas holdings, Gran Investimentos e Graal Participações, atuam separadamente, sendo que a última não será atingida pela mudança de denominação.

A GranBio é a maior aposta do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em projetos de etanol de segunda geração. O BNDESPar, braço de participações do banco, vai aportar R\$ 600 milhões por uma fatia de 15% da empresa, ainda em fase pré-operacional, mas que tem projetos de investir R\$ 4 bilhões na construção de quatro usinas de etanol celulósico, duas unidades bioquímicas e duas biorrefinarias flexíveis, que podem produzir tanto etanol de segunda geração como bioquímicos.

No Programa de apoio à Inovação Tecnológica Industrial no Setor Sucroenergético e Sucroquímico (Paiss), realizado entre BNDES e Finep, a GranBio também obteve aprovação de R\$ 130 milhões.

---

## **Copersucar agora é líder mundial em açúcar e álcool – O Estado de São Paulo, Economia. 15/04/2013**

Depois de conquistar a liderança mundial em comercialização de etanol com a compra da americana EcoEnergy, no ano passado, a brasileira Copersucar anunciou este mês que também chegou ao topo do ranking de açúcar, superando a americana Cargill. A liderança, por si só, não é motivo para grandes comemorações, pois o setor sucroalcooleiro vive um de seus piores momentos em termos de rentabilidade. No entanto, segundo especialistas em agronegócio, o porte conquistado pode ser usado para aproveitar melhor as oportunidades que podem surgir num horizonte de médio prazo.

"O "timing" da liderança da Copersucar não parece bom, pois vivemos o auge da superoferta de açúcar e etanol", diz o sócio da consultoria MB Agro, Alexandre Mendonça de Barros. No entanto, ele diz que a dificuldade de investimento no setor deverá trazer um período de recuperação de margens em dois ou três anos. Isso ocorrerá porque a expectativa é que a oferta fique estacionada, ao passo que a demanda por açúcar crescerá ano a ano e o governo deve ceder à pressão para definir algum incentivo ao consumo interno de etanol.

Neste cenário, a estratégia da Copersucar de decidir pela expansão agora, e não quando as coisas melhorarem, pode se mostrar acertada, já que os ativos do setor tendem a ficar mais caros em períodos de bonança. A expansão da empresa, aliás, ocorreu depois da euforia do etanol. A decisão de pôr o pé no acelerador veio após a mudança da estrutura do negócio, que deixou de ser uma cooperativa "pura" para virar uma sociedade anônima em 2008 - justamente o ano em que eclodiu a crise financeira internacional. Hoje, 47 usinas são acionistas da Copersucar.

A capacidade de moagem de cana da companhia, que era de 65 milhões de toneladas na safra 2007/2008, deve chegar a 130 milhões de toneladas na safra 2013/2014. No mesmo período, o faturamento vai quase quadruplicar, passando de R\$ 4 bilhões para R\$ 15 bilhões - sem contar a receita da EcoEnergy, que eleva a cifra para R\$ 22 bilhões.

Toda essa expansão, segundo o presidente do conselho da Copersucar, Luís Roberto Pogetti, é baseada na crença de que o setor sucroalcooleiro - e especialmente o projeto de etanol - é viável no longo prazo. "Acho que o setor viveu um período de "dores de crescimento". Mas a demanda potencial para o etanol no Brasil é enorme, pois é uma alternativa viável ao petróleo", afirma.

---

## **Ser líder é só o começo. Fernando Scheller – O Estado de São Paulo, Negócios. 15/04/2013**

*Maior comercializadora de açúcar e álcool no mundo, a Copersucar chega à posição em um dos piores momentos já vividos pelo setor*

SÃO PAULO - Depois de conquistar a liderança mundial em comercialização de etanol com a compra da americana EcoEnergy, no ano passado, a brasileira Copersucar anunciou este mês que também chegou ao topo do ranking de açúcar, superando a americana Cargill. A liderança, por si só, não é motivo para grandes comemorações, pois o setor sucroalcooleiro vive um de seus piores momentos em termos de rentabilidade. No entanto, segundo especialistas em agronegócio, o porte conquistado pode ser usado para aproveitar melhor as oportunidades que podem surgir num horizonte de médio prazo.

"O 'timing' da liderança da Copersucar não parece bom, pois vivemos o auge da superoferta de açúcar e etanol", diz o sócio da consultoria MB Agro, Alexandre Mendonça de Barros. No entanto, ele diz que a dificuldade de investimento no setor deverá trazer um período de recuperação de margens em dois ou três anos. Isso ocorrerá porque a expectativa é que a oferta fique estacionada, ao passo que a demanda por açúcar crescerá ano a ano e o governo deve ceder à pressão para definir algum incentivo ao consumo interno de etanol.

Neste cenário, a estratégia da Copersucar de decidir pela expansão agora, e não quando as coisas melhorarem, pode se mostrar acertada, já que os ativos do setor tendem a ficar mais caros em períodos de bonança. A expansão da empresa, aliás, ocorreu depois da euforia do etanol. A decisão de pôr o pé no acelerador veio após a mudança da estrutura do negócio, que deixou de ser uma cooperativa "pura" para virar uma sociedade anônima em 2008 - justamente o ano em que eclodiu a crise financeira internacional. Hoje, 47 usinas são acionistas da Copersucar.

A capacidade de moagem de cana da companhia, que era de 65 milhões de toneladas na safra 2007/2008, deve chegar a 130 milhões de toneladas na safra 2013/2014. No mesmo período, o faturamento vai quase quadruplicar, passando de R\$ 4 bilhões para R\$ 15 bilhões - sem contar a receita da EcoEnergy, que eleva a cifra para R\$ 22 bilhões. Toda essa expansão, segundo o presidente do conselho da Copersucar, Luís Roberto Pogetti, é baseada na crença de que o setor sucroalcooleiro - e especialmente o projeto de etanol - é viável no longo prazo. "Acho que o setor viveu um período de 'dores de crescimento'. Mas a demanda potencial para o etanol no Brasil é enorme, pois é uma alternativa viável ao petróleo", afirma.

*Desafios.* No entanto, a promessa de lucratividade apresentada por um uso maciço do etanol não vai se materializar enquanto uma política pública não for definida - e ninguém no setor espera que isso ocorra até o fim do ano. Enquanto isso, o mercado de açúcar, que seria a salvação da lavoura, vive uma superoferta. As margens, que já eram apertadas no ano passado, devem ficar ainda mais comprimidas em 2013. Na safra 2011/2012, o lucro da Copersucar ficou em R\$ 102 milhões, queda de mais de 70% em relação ao ciclo anterior.

E, pelo menos até o fim do primeiro semestre, não há previsão de reversão deste quadro da commodity. "O preço do açúcar não está grande coisa porque a produção foi boa em todos os grandes celeiros de açúcar, como Brasil, México, Tailândia e Índia", explica Fabio Solferini, sócio da consultoria em agronegócio americana Intl FC Stone.

Enquanto no açúcar a Copersucar está presa ao vaivém da demanda mundial e da cotação do produto na Bolsa de Chicago, a questão do etanol esbarra nas dificuldades enfrentadas internamente. As empresas do setor são unânimes em reclamar de que o congelamento do preço da gasolina promovido pelo governo para o controle da inflação não só comprometeu as contas da Petrobrás como também minou a competitividade do etanol.

Com a gasolina artificialmente barata, acabou o incentivo para o consumidor usar a alternativa. Segundo informações da MB Agro, a frota de veículos flex somava 10 milhões de veículos em 2009. Naquele ano, foram consumidos cerca de 15 bilhões de litros do combustível. No ano passado, o total de veículos bicombustíveis havia subido 80%, mas o consumo caiu para 11 bilhões de litros de álcool.

A solução para esse desequilíbrio só virá com a criação de uma política de longo prazo do etanol - algo que o governo, segundo o presidente do conselho da Copersucar, falhou em fazer. Atualmente, o setor trabalha com a possibilidade de redução de PIS/Cofins e a desoneração da folha de pagamento para a cadeia produtiva, além do aumento da

mistura de álcool anidro à gasolina de 20% para 25%. Esses benefícios, no entanto, teriam só efeito paliativo, segundo Pogetti e outras fontes do setor.

*Parcerias.* Além dos desafios macroeconômicos, o modelo de negócio da Copersucar - em que a empresa basicamente atua como uma comercializadora da produção de seus associados - também apresenta desafios. Dias após o anúncio da liderança mundial em açúcar, foi divulgado que a paulista Clealco, que respondia por 7% do volume de cana da empresa, havia encerrado a parceria por estar insatisfeita com os preços de venda. A Copersucar diz que parte da perda de volume foi compensada pela entrada de uma destilaria em Nova Londrina (PR), que foi incorporada por um de seus parceiros, o Grupo Melhoramentos.

A "captação" de usinas é positiva no longo prazo, afirma o presidente da Copersucar, Paulo Roberto de Souza. "Passamos de 32 usinas, em 2007, para 47 atuais", diz o executivo. A conta já considera a saída da Clealco, que continuará a fornecer para a companhia fora do regime de exclusividade. Hoje, 23% do volume de cana esmagado pela Copersucar vêm de não-associados.

Além do acesso a um departamento comercial mais estruturado, Souza diz que a Copersucar é o meio de as pequenas usinas participarem de projetos de logística e inovação. A companhia pretende dobrar a capacidade de seu terminal privado no Porto de Santos e tem participação de 20% no etanolduto projetado para escoar o combustível produzido no interior de São Paulo. A empresa também já investe no etanol de segunda geração. Uma usina que produzirá álcool a partir do bagaço de cana entrará em fase de testes em 2014.

Apesar dos investimentos em produtividade, as dificuldades do setor sucroalcooleiro frearam um projeto ambicioso da Copersucar: a abertura de capital na BM&FBovespa, suspensa desde 2011. Antes de retomar a empreitada, diz o presidente da empresa, a confiança no mercado mundial de etanol e de açúcar precisa ser reconquistada. E isso depende de políticas de governo e mudanças no cenário econômico mundial que nem a líder mundial do setor consegue apressar.

---

### **Diretor da Unica defende retomada de tributo federal para gasolina – Folha de São Paulo, Mercado. 24/04/2013**

A retomada da cobrança da Cide, tributo federal sobre combustíveis, para a gasolina pode ser um instrumento para estimular investimentos de longo prazo na indústria de etanol, disse nesta quarta (24) Antonio de Padua, diretor técnico da Unica, associação que reúne a indústria da cana-de-açúcar.

Na avaliação de Padua, a volta do tributo seria mais eficiente para estimular investimentos do que as medidas de apoio anunciadas na terça-feira pelo governo.

Segundo o diretor, as medidas são insuficientes para estimular investimentos em expansão, porque não são capazes de gerar previsibilidade no longo prazo para a indústria de bens de capital.

"As decisões anunciadas ontem são para o curto prazo, mas tem outras coisas... A conversa continua (com o governo)... Uma das alternativas é a retomada da Cide como instrumento factível para estimular os investimentos", disse.

O governo reduziu o valor da Cide (Contribuição de Intervenção sobre o Domínio Econômico) sobre a gasolina até zerar a taxa para compensar reajustes feitos em 2011 e 2012.

*INFLAÇÃO*

Padua estimou que, se a Cide fosse retomada, traria mais competitividade para o etanol hidratado, que compete com a gasolina. Porém, reconheceu que tal medida só poderá ocorrer no prazo mais longo, dadas as preocupações do governo com a inflação e o preço dos combustíveis.

"Não se descarta esta medida (retomar a Cide) para a gasolina, mas é no prazo mais longo", disse.

Em cálculo rápido, Padua estimou que se a Cide fosse restabelecida ao valor de R\$ 0,28 por litro de gasolina --marca atingida antes de ser zerada em 2008-- haveria um aumento de R\$ 0,17 por litro no preço do combustível fóssil.

"Isso é quanto aumentaria a gasolina C. Isso traria competitividade para o etanol hidratado na bomba", acrescentou. O cálculo já considera o percentual de mistura de 25% de etanol anidro na gasolina, que passa a valer em maio.

#### **DESONERAÇÃO**

Com o objetivo de estimular produtores a investir mais na produção do etanol, o governo zerou na terça-feira a cobrança de PIS/Cofins sobre o combustível, hoje equivalente a R\$ 0,12 por litro. A renúncia fiscal com o fim do tributo será de R\$ 970 milhões em 2013.

A quantidade de etanol na mistura da gasolina também foi aumentada, passando de 20% para 25%. A medida, que estava prevista para junho, foi antecipada pelo governo para tentar amenizar o impacto nos preços da gasolina.

O governo também vai renovar e diminuir a taxa de juros de linhas de crédito aos produtores.

---

## **POLÍTICA NACIONAL**

### **Biodiesel**

#### **SP vai incentivar investimentos em energia solar e uso de biocombustíveis – Folha de São Paulo, Mercado. 02/04/2013**

O governador Geraldo Alckmin assinará amanhã, quarta-feira (3), o decreto que irá isentar do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços) os investimentos para a construção de parques de produção de energia solar em território paulista.

Ele vai assinar outro decreto, que vai criar um programa de incentivo ao uso de biocombustíveis em toda a frota, própria ou não, de veículos que prestam serviço ao Estado. Entre os biocombustíveis incentivados estão o biogás, o biodiesel e o álcool combustível.

As medidas serão apresentadas na abertura do 1º Seminário Internacional sobre Biomassa, Biogás e Eficiência Energética.

O evento tem a promoção da Cúpula de Líderes Regionais, organização que reúne Estados e províncias de países como Áustria, Alemanha, África do Sul, Estados Unidos, Canadá e China, além do Brasil.

Durante o evento, o governador também irá apresentar o atlas com o potencial para a geração solar no Estado de São Paulo.

O trabalho, desenvolvido pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e pela Secretaria Estadual de Energia, indica que o potencial de geração de energia a partir de fonte solar é de 12 TWh/ano, carga que seria suficiente para abastecer 30% da demanda de eletricidade dos paulistas.



O seminário será realizado no Salão dos Pratos, nas dependências do Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual.

---

### **Entregas de biodiesel crescem 15,4% no 1º bimestre. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Empresas. 02/04/2013**

As entregas de biodiesel pelas usinas às distribuidoras de combustíveis aumentaram 15,4% no primeiro bimestre de 2013, ante o mesmo período do ano passado. Ao todo, a comercialização via leilões da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) atingiu 455,45 mil metros cúbicos, informou ontem a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove).

Os principais Estados produtores foram Rio Grande do Sul, com participação de 28%, Goiás e Mato Grosso, com 21% e 12%, respectivamente. O Centro-Oeste se destaca com 41% da produção nacional, seguido das regiões Sul (33%) e Sudeste (12%).

Entre as matérias-primas, o óleo de soja respondeu por 67% da produção biodiesel entre janeiro e fevereiro, seguido do sebo bovino (22%) e do óleo de algodão (5%).

De acordo com análise da associação, os preços subiram, em média, 5,4% em janeiro e fevereiro, em comparação com igual período de 2012. A elevação se deve, principalmente, à manutenção de preços elevados do óleo de soja no período que antecedeu a safra brasileira da oleaginosa. O preço médio pago pelo litro de biodiesel, em 2013, é de R\$ 2,38.

---

## **Etanol**

### **Preço do etanol em SP volta a subir após cinco semanas seguidas de queda – Folha de São Paulo, Mercado. 08/04/2013**

Os preços do etanol hidratado subiram após cinco semanas consecutivas de queda, informou o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) nesta segunda-feira.

Segundo o centro, o etanol hidratado na porta das usinas aumentou por conta de reabastecimentos das distribuidoras após o feriado da Semana Santa e por interrupções da moagem em São Paulo por conta de chuvas.

O Indicador semanal Cepea /Esalq do etanol hidratado no Estado de São Paulo foi de R\$ 1,2142 por litro (sem impostos e sem frete), uma alta de 0,93% em relação à semana anterior.

Segundo pesquisa da *Folha*, o etanol hidratado nos postos de São Paulo recuou, onde caiu 0,55% na semana (R\$ 1,987 por litro).

O etanol anidro caiu para R\$ 1,335 por litro nas usinas nesta semana, um recuo de 0,13%.

---

### **Abastecer com etanol só compensa em GO e MT, segundo dados da ANP. Fabiana Batista – Valor Econômico. 08/04/2013**

Segundo dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP), está mais vantajoso ao consumidor abastecer etanol, em vez de gasolina, somente nos Estados de Goiás e Mato

Grosso. Em São Paulo, há pelo menos quatro semanas, do ponto de vista de preço é indiferente ao consumidor usar um ou outro combustível.

Pesquisa da agência referente à semana encerrada em 6 de abril, verificou que o preço do etanol equivale, em Goiás, a 68,76% do preço da gasolina nos postos do Estado. Em Mato Grosso, esse percentual para o mesmo período foi de 66,08%, e em São Paulo, de 70,14%.

Do ponto de vista econômico, abastecer com etanol é mais vantajoso do que a gasolina quando o preço do biocombustível equivale a menos de 70% do preço do combustível fóssil.

Nas últimas semanas, os preços do etanol hidratado vêm subindo com força. O indicador Esalq/BM&F para o biocombustível subiu 0,15% na sexta-feira, para R\$ 1.314,50 o metro cúbico. No mês, o indicador acumula alta de 4,28%.

---

### **Produção de cana ultrapassa 650 milhões de toneladas. Raimundo Estevam – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 09/04/2013**

A produção de cana-de-açúcar da safra 2013/2014 deve chegar a 653,81 milhões de toneladas, com um aumento de 11% sobre as 588,92 milhões de toneladas da temporada passada. Os números são do primeiro levantamento, divulgado hoje (9) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em Brasília, e fecha a safra 2012/2013, já com a participação nordestina de 55,93 milhões de toneladas.

Também houve elevação da área de corte de 8.485 mil para 8.893 mil hectares. O percentual de recuperação da produtividade média das lavouras ficou estimado em 5,9%, graças à renovação de 968,38 mil ha e à normalização das condições climáticas que favoreceram os canaviais sobretudo da região Centro-Sul.

Açúcar e etanol estão bem situados. Para o açúcar, espera-se um aumento de 13,61%, devendo passar de 38,34 milhões de toneladas para 43,56 milhões, enquanto que a produção total de etanol subiu 8,99%, devendo elevar de 23,64 bilhões de litros para 25,77 bilhões. O mesmo ocorre com a produção do etanol anidro, que se destina à mistura com a gasolina, que amplia 15,35%, crescendo de 9,85 bilhões de litros para 11,36 bilhões, ao passo que o hidratado, utilizado nos veículos "flex-fuel", sobe 4,45% e a marca de 13,79 bilhões de litros passa para 14,40 bilhões.

---

### **Produção de cana deve crescer 11% em 2013/14. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico, Empresas. 09/04/2013**

A produção brasileira de cana-de-açúcar deve crescer 11% na safra 2013/14 (abril-março), para 653,8 milhões de toneladas, de acordo com estimativa divulgada nesta terça-feira pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) com base em levantamento realizado entre os dias 03 e 16 de março.

De acordo com a Conab, a área destinada à cultura cresceu 4,8% neste ano, para 8,89 milhões de hectares, e a produtividade média dos canaviais deve ser 5,9% maior, em torno de 73,52 toneladas por hectare.

Ainda de acordo com a Conab, as usinas deverão destinar 331,65 milhões de toneladas de cana (um aumento de 13,22% em relação à safra passada) para a produção de açúcar, estimada em 43,55 milhões de toneladas, o que significa um crescimento de 13,61% em relação à 2012/13.

Outras 322,15 milhões de toneladas (aumento de 8,84%) deverão ser moídas para a fabricação de etanol, cujo volume total deve crescer 8,99%, para 25,76 bilhões de litros.

A produção de álcool anidro (para ser misturado à gasolina) deve crescer 15,35%, para 11,36 bilhões de litros. Já a produção de álcool hidratado (vendido na bomba) deve totalizar 14,4 bilhões de litros, um aumento de 4,45%.

---

**Incentivos a setores químico e sucroalcooleiro serão anunciados 'em breve', diz Mantega. Carolina Agostini e Carolina Oms – Folha de São Paulo, Mercado. 10/04/2013**

O governo promete lançar ainda este ano regimes tributários especiais para beneficiar os setores químico e sucroalcooleiro. Segundo o ministro da Fazenda, Guido Mantega, as medidas serão anunciadas "em breve".

O ministro do Desenvolvimento, Fernando Pimentel, afirmou que os programas serão formatados aos moldes do Inovar-Auto, lançado no ano passado para a indústria automobilística.

A ideia é estabelecer contrapartidas para que os empresários recebam os benefícios.

"Não são benefícios concedidos sem condições. Sempre estarão ligados a metas. É um conjunto de normas que estamos avançando na construção e que irão melhorar a competitividade da economia brasileira", disse Pimentel.

No caso dos automóveis, o corte foi feito no IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados). No caso dos setores químico e sucroalcooleiro, será feita a isenção de PIS e Cofins.

O formato final dos regimes especiais está sendo discutido pelos ministérios de Minas e Energia e Fazenda .

As declarações dos ministros foram dadas nesta quarta-feira (10) após reunião do CNDI (Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial), que reúne 17 ministros, o presidente do BNDES, Luciano Coutinho, e 19 empresários, em Brasília.

Segundo o presidente da ABDI (Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial), Mauro Borges, os regimes tributários especiais em estudo são importantes, já que os setores químico e sucroalcooleiro representam juntos 30% do PIB industrial.

**EMPREGO**

O ministro Fernando Pimentel negou que os regimes estejam atrelados a um compromisso por parte das empresas de que não demitam funcionários. Segundo ele, o governo não está preocupado com o tema.

"Já estamos vivendo uma situação de pleno emprego. As demissões são pontuais e os empregados são rapidamente absorvidos no setor. Isso não preocupa o governo. O que queremos é compromisso de eficiência, melhoria de produtividade, criação de novas linhas de produção e novos postos de trabalho", afirmou Pimentel.

**GRUPOS DE TRABALHO**

Pimentel afirmou ainda que, durante a reunião, ficou definida a criação de cinco grupos de trabalho para detalhar as propostas feitas pelos conselhos de competitividade, que, ao longo do último ano, formataram ações necessárias para o desenvolvimento de 19 setores da economia.

Os grupos se dedicarão à análise dos seguintes temas: comércio exterior, relações trabalhistas, investimentos, logística e tributação.

O resultado da nova rodada de análise será apresentado em agosto, quando acontecerá a próxima reunião do CNDI.

---

**Câmara aprova incentivo à produção de etanol nas regiões Nordeste e Norte.  
Márcio Falcão – Folha de São Paulo, Mercado. 10/04/2013**

A Câmara dos Deputados aprovou nesta quarta-feira (10) medida provisória que prevê incentivo à produção de etanol.

O texto autoriza a União a subsidiar parte do custo de produção do etanol no Nordeste e Nordeste. O incentivo proposto é de R\$ 0,40 por litro de etanol. A previsão do governo é de um impacto nos cofres públicos de R\$ 1,6 bilhão.

A medida, que já tinha sido aprovada por Comissão Mista do Congresso, foi criticado pelo líder do governo, deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP). Ele destacou que o objetivo central do texto era aumentar a capacidade de financiamento do BNDES e da Finep. "É claro que tudo o que é justo na vida das regiões nem sempre cabe no Orçamento", ressaltou.

Para o líder do PSDB, deputado Carlos Sampaio (SP), o incentivo vai garantir a produção de uma energia limpa. "Temos de fazer esforço para incentivar essa cadeia", disse.

A MP amplia em R\$ 85 bilhões o limite de financiamentos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) no âmbito do PSI (Programa de Sustentação do Investimento), operado pelo banco.

Ficou definido ainda que o BNDES terá que destinar, no mínimo, 40% dos recursos subvencionados em empréstimos para as micro, pequenas e médias empresas.

---

**Etanol hidratado sobe 6% em São Paulo na última semana – Folha de São Paulo,  
Mercado. 15/04/2013**

O etanol hidratado (vendido na porta das usinas) registrou uma forte alta e subiu quase 6% no mercado paulista na última semana, apoiado pelas chuvas que atingem todo o Estado de São Paulo, informou o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) nesta segunda-feira.

Segundo o Cepea, as chuvas no início de abril, início oficial da safra 2013/14 da região centro-sul, causaram a interrupção de boa parte das usinas, reduzindo significativamente o volume ofertado de etanol hidratado no mercado spot (à vista).

As chuvas também prejudicaram o carregamento do produto por parte das distribuidoras, acrescentou o centro.

Em meio a este cenário, as usinas com produto em estoque e capacidade de carregamento conseguiram negociar a bons preços, elevando a média do mercado à vista.

Na última semana, o indicador semanal Cepea/Esalq do etanol hidratado no Estado de São Paulo fechou em R\$ 1,2858 por litro (sem impostos), aumento de 5,89% em relação à semana anterior. No caso do anidro, houve um aumento de 1,04%, indo para R\$ 1,3491 por litro (sem impostos).

**CALCULADORA**

Para saber com qual combustível vale a pena abastecer, basta multiplicar o preço da gasolina por 0,7. Se o valor for superior ao do etanol, é hora de optar pelo álcool.

---

**União quer barrar desapropriação de refinaria Manguinhos na Justiça. Italo  
Nogueira – Folha de São Paulo, Mercado. 20/04/2013**

O governo federal se aliou na Justiça à refinaria Manguinhos e quer anular decreto do

governador do Rio, Sérgio Cabral (PMDB), que iniciou processo de desapropriação do terreno onde fica a empresa.

A AGU (Advocacia-Geral da União) e o Ministério de Minas e Energia apontam problemas legais e risco de desabastecimento de gasolina tipo A (sem etanol) se a desapropriação se concretizar.

A unidade está instalada desde a década de 1950 às margens da avenida Brasil, principal acesso do Rio. Com cerca de 7.000 acionistas, é controlada pelo grupo Magro. A refinaria se tornou de utilidade pública --primeiro passo para a desapropriação-- em outubro.

Cabral afirmou que construiria no local casas populares para moradores da favela de Manguinhos. A medida foi criticada em razão do alto custo e da inviabilidade de descontaminação do solo para uso habitacional.

A estratégia da empresa foi propor seis ações na Justiça Federal do Rio, de SP e do DF, por meio de acionistas. Eles apontam ilegalidades e tentam anular o decreto.

Acionada nos processos, a AGU concordou com a tese da empresa e pediu à Justiça para se tornar assistente dos autores dos processos.

Eles argumentam que o terreno da refinaria é da União, o que impede a desapropriação sem autorização da presidente Dilma Rousseff. De acordo com a tese, o terreno foi cedido à empresa em 1946.

A medida seria vetada também porque a refinaria exerce atividade fiscalizada pelo governo federal, o que torna exclusivo da União o ato da desapropriação.

O Ministério de Minas e Energia apontou ainda risco de desabastecimento de gasolina A caso a refinaria seja paralisada. Segundo nota técnica da pasta, em 2012 Manguinhos produziu 10.600 barris por dia do combustível, cerca de 3% do total no país.

#### *INVESTIGAÇÃO*

A relação entre a refinaria e a ANP (Agência Nacional do Petróleo) é alvo de inquérito no Supremo Tribunal Federal. O dono da empresa, Ricardo Magro, é investigado por tráfico de influência na agência.

No inquérito, há fotos dele com o senador Edison Lobão Filho (PMDB), filho do ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, em um show no Rio. Magro nega influência na ANP.

Desde o anúncio da desapropriação, a empresa vem sofrendo perdas econômicas. No início do ano, entrou em recuperação judicial.

O governo do Rio afirma que a desapropriação é legal e não envolve bem da União.

Em nota, o governo estadual diz que o ato que tornou a área de utilidade pública limita-se ao "domínio útil, que é da refinaria". O domínio útil é o direito de uso de um bem dado pelo proprietário, mediante pagamento.

Para a AGU e o ministério, mesmo o domínio útil não pode ser alterado, pois a refinaria exerce atividade fiscalizada pela União. O governo do Rio discorda da tese federal.

---

### **Dilma propõe hoje pacote de incentivos para setor de etanol. Natusza Nery e Valdo Cruz – Folha de São Paulo, Mercado. 22/04/2013**

A presidente Dilma Rousseff reunirá o setor sucroalcooleiro hoje para fechar um pacote de financiamentos ao produtor, reduções de juros em empréstimos e redução da carga tributária para o setor. O objetivo é resgatar a competitividade do etanol em relação à gasolina.

Segundo a *Folha* apurou, Dilma pode fazer o anúncio ao fim da reunião, o que dependerá das negociações finais das medidas.

O Executivo quer praticamente zerar a cobrança de PIS/Cofins sobre o combustível, hoje equivalente a R\$ 0,12 por litro de etanol --ou R\$ 48,00 por metro cúbico.

O setor cobrava por medidas de incentivo desde o ano passado, mas só agora, no início da safra 2013/2014, será contemplado.

No início deste ano, a presidente havia prometido a empresários do setor medidas visando a retomada da competitividade do produto no Brasil.

Para aumentar a produtividade das lavouras e facilitar o acesso a crédito, o Ministério da Fazenda prepara uma lista de financiamentos ao produtor, mas com a condição de que os recursos serão destinados de fato à produção de etanol no país.

Representantes do setor afirmam que a desoneração, por si só, não resolve o problema da rentabilidade, agravado nos últimos anos.

Além de uma política eficiente de crédito, eles esperam que haja ganhos com o aumento da mistura do álcool à gasolina, de 20% para 25%, que entra em vigor em maio.

A presidente vai apresentar, na reunião de hoje, os detalhes de um Regime Especial de Incentivos para o Desenvolvimento da Infraestrutura Sucroalcooleira.

O objetivo principal do pacote do governo é estimular produtores a investir mais na produção do biocombustível, que nos últimos anos foi preterido pela fabricação de açúcar, devido aos melhores preços desse produto no mercado mundial.

No governo e no mercado, a ampliação da produção de etanol é vista como crucial para aumentar a oferta e, assim, baixar o preço dos combustíveis nas bombas. Outro objetivo da medida é reduzir a importação de gasolina ao aumentar a oferta de álcool no mercado.

Com isso, a Petrobras também será beneficiada, pois hoje é obrigada a importar gasolina para suprir a falta de combustível no mercado. No primeiro trimestre, o país importou 50 mil barris de gasolina, segundo a empresa. Como os preços no país não variam com a cotação internacional, a Petrobras tem prejuízo com as importações de derivados acima do preço de revenda no mercado interno.

---

### **Governo vai reduzir tributo para baratear etanol e forçar queda da gasolina. Valdo Cruz e Fernanda Odilla – Folha de São Paulo, Mercado. 22/04/2013**

Na tentativa de resgatar a competitividade do etanol, diminuir a importação de gasolina e baixar os preços das bombas, o governo federal vai reduzir a carga tributária e o prazo de compensação de crédito para o setor sucroalcooleiro.

As principais medidas foram apresentadas na noite desta segunda-feira (22) pela presidente Dilma Rousseff a representantes do setor, que há anos pleiteava um pacote de incentivo. Elas devem ser detalhadas pelo Ministério da Fazenda nesta terça (23).

Durante a reunião que durou mais de duas horas, Dilma pediu que, em contrapartida ao pacote ofertado pelo governo, o setor aumente os investimentos.

Como a *Folha* antecipou, dando continuidade à política de desonerações para tentar conter a inflação e aumentar a competitividade de diferentes setores, o governo decidiu praticamente zerar a cobrança de PIS/Cofins sobre o combustível, hoje equivalente a R\$ 0,12 por litro de etanol --ou R\$ 48,00 por metro cúbico.

No entanto, representantes do setor alegam que a desoneração, por si só, não resolve por completo o problema da rentabilidade, agravado nos últimos anos. O governo, por sua vez, pretende estimular a produção de etanol, preterido diante dos melhores preços do açúcar no mercado mundial.

*GASOLINA*

Além de forçar a redução do preço da gasolina nos postos, o governo quer, com as medidas anunciadas, diminuir a importação de gasolina ao aumentar a oferta de álcool no mercado.

A política de desonerações de Dilma se transformou na principal ferramenta para tentar conter a inflação e estimular a competitividade. A lista de setores beneficiados com a redução da carga tributária só cresce.

As desonerações, contudo, têm como efeito colateral a redução do superavit primário, espécie de poupança para pagamento dos juros da dívida pública. Para reduzir o esforço fiscal e aumentar os próprios gastos governo decidiu abater as desonerações da meta de superavit para 2013.

Estabelecida pela lei orçamentária, a meta de 3,1% do PIB (Produto Interno Bruto) corresponde a R\$ 155 bilhões em 2013. Desse total, o governo federal economizar R\$ 108,1 bilhões, mas já foi autorizado a abater desse valor as desonerações e os investimentos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), que juntos somam R\$ 65,2 bilhões. Ou seja, na prática, a meta foi reduzida para R\$ 42,9 bilhões, ou 0,9% do PIB.

#### *CALCULADORA*

Para saber com qual combustível vale a pena abastecer, basta multiplicar o preço da gasolina por 0,7. Se o valor for superior ao do etanol, é hora de optar pelo álcool.

---

### **Pacote para setor de etanol não garante redução no preço, diz Dilma. Fernando Odilla – Folha de São Paulo, Mercado. 23/04/2013**

O pacote de benefícios para o setor sucroalcooleiro não é garantia de redução no preço do combustível. A afirmação é da presidente Dilma Rousseff, que disse nesta terça-feira (23) não ser possível prever como o mercado vai reagir às medidas do governo.

"Eu não creio que seja uma decisão que eu posso tomar aqui [redução do preço nas bombas]. Eu chego aqui pra vocês e digo: o preço vai ser assim ou assado. Tem de ver como é que está o mercado. Eu não tenho como adiantar isso pra vocês", disse a presidente logo depois de visitar uma exposição no Palácio do Planalto.

O Executivo zerou a cobrança de PIS/Cofins sobre o combustível, hoje equivalente a R\$ 0,12 por litro de etanol. A renúncia fiscal com o fim do tributo será de R\$ 970 milhões em 2013.

O ministro Guido Mantega (Fazenda) também não garantiu o repasse dos preços ao consumidor. "Não quer dizer que o setor vai repassar necessariamente. Estamos condicionando [os incentivos] ao aumento da oferta, porque aí o preço vai ser reduzido."

Dilma disse ainda que o governo vai aumentar de 20% para 25% a proporção da mistura de álcool anidro na gasolina porque a produção de etanol foi maior e porque é "um mecanismo muito tranquilo de regulamentação".

"Temos condições de fazer isso mesmo porque a área plantada de etanol está se expandindo esta a uma taxa de 8 a 10%. A safra 2012/2013 é muito boa. Tem expansão de mais de 10%. Mas ainda não se concluiu", disse Mantega. "Com isso nos teremos etanol suficiente para viabilizar esse aumento [do percentual do álcool] na mistura da gasolina."

Para Dilma, o mais importante é dar ao consumidor a opção de encher o tanque com etanol ou gasolina. Para saber com qual combustível vale a pena abastecer, na média basta multiplicar o preço da gasolina por 0,7. Se o valor for inferior ao do etanol, a gasolina costuma ser mais vantajosa; do contrário, o etanol é o mais indicado.

A conta, porém, podem variar de carro a carro. "Às vezes, o preço compensa e, às vezes, não compensa. O fato de ser flexível é que justifica, hoje, nós termos dado um passo em direção à estabilidade desse setor", disse a presidente.

O motivo de Dilma querer reforçar o setor, segundo ela, é que o etanol tem um significado muito grande por ser "renovável", "amigável do ponto de vista da emissão" e representar não apenas um segmento agrícola, com a plantação de cana de açúcar, como também o industrial, com as indústrias de etanol.

"Por isso o Brasil tem hoje a possibilidade de ter, e acredito que teremos cada vez mais, um setor de etanol que vai ter dupla função: produzir para o mercado doméstico, mas tem todas as condições também de exportar para o mercado internacional porque a produtividade da nossa agricultura, quando se trata de cana-de-açúcar, é extremamente elevada, se comparada a outras fontes. E também nossas usinas. Nós temos usinas modernas que são extremamente eficientes. Então esse é um setor que veio para ficar e [que] nós temos que volta e meia visitar para ver o que pode ser feito para dar suporte para os nossos produtores".

#### *INFLAÇÃO*

Dilma também foi questionada se a trajetória dos juros hoje é crescimento. Ela se recusou a falar sobre inflação.

"Não vou falar sobre coisas que não quero ver distorcidas", disse, sem citar o episódio da África do Sul no final de março.

Na ocasião, a presidente afirmou não acreditar numa política de combate a inflação que comprometesse o crescimento do país. O mercado financeiro interpretou a fala como leniência em relação ao combate às altas dos preços. A presidente reagiu dizendo que houve "manipulação" de sua fala e que "o combate à inflação é um valor em si mesmo e permanente do governo".

Nesta terça, Dilma, inicialmente, falou apenas sobre inflação. "O que eu estou dizendo é isso: o Brasil não flerta com a inflação, nem querendo". Mas, diante da insistência de repórteres, Dilma disse que "o Brasil é um país que conseguiu, através de um grande esforço, atingir um patamar de estabilidade macroeconômica". Segundo a presidente, "somos hoje um país bastante estável" do ponto de vista das contas públicas, se comparado com a atual situação internacional.

"Por exemplo, nós não tivemos que fazer nenhum corte drástico como ocorre, por exemplo, nos Estados Unidos. Temos uma relação dívida-PIB das mais baixas do mundo. O Brasil hoje é uma economia robusta, isso não significa que os responsáveis não estejam atentos a todas as características da economia, aumento do investimento, olhar como se dá nossa necessidade."

---

### **Governo zera tributo do etanol, aumenta mistura na gasolina e reduz juro do produtor. Carolina Oms – Folha de São Paulo, Mercado. 23/04/2013**

O governo anunciou um pacote de desoneração e crédito subsidiado para o setor do etanol nesta terça-feira (23). Para o ministro da Fazenda, Guido Mantega, "as medidas vão possibilitar que o setor tenha condições melhores de ampliar o investimento e expandir a produção".

Análise: Investimentos só retornam com plano de longo prazo para etanol

O ministro, no entanto, não garantiu que os incentivos vão fazer com que haja redução de preços para o consumidor. "Não quer dizer que o setor vai repassar necessariamente. Estamos condicionando [os incentivos] ao aumento da oferta, porque aí o preço vai ser reduzido."



A presidente Dilma Rousseff também disse que o pacote não irá, necessariamente, refletir em preço menor para o combustível.

O Executivo zerou a cobrança de PIS/Cofins sobre o combustível, hoje equivalente a R\$ 0,12 por litro de etanol. A renúncia fiscal com o fim do tributo será de R\$ 970 milhões em 2013.

Além disso, a partir de 1º de maio a quantidade de etanol na mistura da gasolina vai aumentar, passando de 20% para 25%. Para tentar amenizar o impacto nos preços da gasolina, o governo antecipou essa medida, antes prevista para junho. Segundo Mantega, essa medida que deve reduzir o preço da gasolina nas bombas.

"Temos condições de fazer isso mesmo porque a área plantada de etanol está se expandindo esta a uma taxa de 8 a 10%. A safra 2012/2013 é muito boa. Tem expansão de mais de 10%. Mas ainda não se concluiu", completou. "Com isso nos teremos etanol suficiente para viabilizar esse aumento [do percentual do álcool] na mistura da gasolina", frisou o ministro.

Para o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, as medidas consolidam "definitivamente" o setor de etanol no país. Ele estima que neste ano a safra será de 28 bilhões de litros. No ano passado, foram 23 bilhões.

#### *LINHAS DE CRÉDITO*

O governo também vai renovar e diminuir a taxa de juros de linhas de crédito aos produtores. Chamada Prorenova, uma das linhas pode desembolsar até R\$ 4 bilhões para plantar ou renovar as plantações de cana-de-açúcar.

O prazo para pagamento será de até 72 meses e a carência (prazo antes de o produtor começar a pagar as parcelas) será de 18 meses.

A linha do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) terá uma taxa de juros subsidiada de 5,5% ao ano. Segundo Mantega, a taxa de juros no ano passado era estava entre 8,5% e 9,5% ao ano. O subsídio custará ao governo R\$ 334 milhões neste ano.

A segunda linha de crédito que teve sua taxa diminuída é destinada à construção de armazéns para estocar a produção na época da safra, quando os preços costumam cair. Serão disponibilizados até R\$ 2 bilhões, com prazo de 12 meses e juros de 7,7% ao ano.

#### *OBJETIVOS DA MEDIDA*

O objetivo principal do pacote do governo é estimular produtores a investir mais na produção do biocombustível, que nos últimos anos foi preterido pela fabricação de açúcar devido aos melhores preços desse produto no mercado mundial.

No governo e no mercado, a ampliação da produção de etanol é vista como crucial para aumentar a oferta e, assim, baixar o preço dos combustíveis nas bombas.

#### *PETROBRAS*

Outro objetivo da medida é reduzir a importação de gasolina ao aumentar a oferta de álcool no mercado. Com isso, a Petrobras também seria beneficiada, pois hoje é obrigada a importar gasolina para suprir a falta de combustível no mercado.

No primeiro trimestre deste ano, o país importou 50 mil barris de gasolina, segundo a estatal. Como os preços no país não acompanham a cotação internacional, a Petrobras tem prejuízo com as importações de derivados para arcar com a defasagem em relação ao preço praticado no mercado interno.

#### *CALCULADORA*

Para saber com qual combustível vale a pena abastecer, basta multiplicar o preço da gasolina por 0,7. Se o valor for superior ao do etanol, é hora de optar pelo álcool.

---

**O pacote de apoio ao etanol. Luis Nassif – Site da Carta Capital, Economia.  
24/04/2013**

*A Fazenda desperdiça oportunidades com pacotes de bondades. Era hora de articular uma agenda maior*

A crise do etanol tem razões distintas. Alguns anos atrás, o etanol se tornou a grande bandeira nacional. A competitividade perante o petróleo, os pesados investimentos feitos no país – inclusive por grandes petroleiras internacionais – permitiam apostar em um grande mercado global, concorrente dos combustíveis fósseis, no qual o Brasil fosse a força dominante. A Única ganhou expressão internacional, assim como seus Summits. E discutiu-se bastante a montagem de políticas industriais que juntassem usineiros, fabricantes de bens de capital e a tecnologia agrícola brasileira na conquista de mercados de outros países que, descentralizando a produção, facilitassem a criação de um mercado global.

Nos últimos anos, em vez da conquista do mundo, sobreveio uma enorme crise no setor. Os investimentos no setor, que chegaram a US\$ 6,4 bilhões em 2008, desabaram para US\$ 250 milhões no ano passado. Um dos problemas enfrentados pelo etanol foi o congelamento do preço da gasolina, que se manteve congelado por bom período. Com os carros flex, a gasolina acabou ocupando o lugar do etanol. Houve também aumento dos custos agrícolas e problemas com o tempo que reduziram a produção. Há um problema adicional, no fato de a maior parte das usinas produzir tanto açúcar quanto etanol. Cria-se uma arbitragem complexa. De um lado, os preços do açúcar, definidos internacionalmente; do outro, o preço da gasolina, definida pela Petrobras, e que serve de teto para o etanol. Quando os preços internacionais de açúcar superam o teto do preço do etanol, as usinas redirecionam a cana para o açúcar. Com todos esses problemas, a redução do consumo de etanol significou um aumento expressivo do consumo de gasolina, pressionando a balança comercial – já que obrigou à importação do combustível. \*\*\* Ontem foram anunciadas diversas medidas destinadas a resolver os problemas atuais do setor. Entre elas: Elevação do percentual de mistura de etanol na gasolina, de 20 para 25%. Zerar o PIS e o Cofins do etanol, que hoje representam R\$ 0,12 por litro. O objetivo, aí, é aliviar o caixa das empresas e estabelecer uma relação mais paritária com a gasolina. Redução de 9,5% para 5,5% ao ano na taxa de juros anual do Pró-Renova, financiamento para a renovação dos canaviais. No ano passado, o Pró-Renova ofertou R\$ 4 bilhões em recursos, com desembolso de R\$ 1,3 bilhão. Este ano, a oferta será a mesma. Redução de 10% para 7,7% nas linhas para investimento em estocagem de etanol. \*\*\* Os incentivos surgem em um momento em que espera-se uma safra melhor, com expansão de 8% na área plantada e projeção de 16% a mais na produção de etanol. \*\*\* Mas a Fazenda continua desperdiçando oportunidades com seus sucessivos pacotes de bondades. Era hora de articular uma agenda maior, com definições claras do seu papel na matriz energética; definir estratégias conjuntamente com as entidades do setor, de maneira a destravar os investimentos. Depois, soltar as benesses como corolário desse trabalho. Mas insiste-se nas medidas soltas e pontuais.

---

**Fim da queima da cana provocará 280 mil demissões no Nordeste, diz entidade –  
Folha de São Paulo, Mercado. 24/04/2013**

A proibição da queima da cana-de-açúcar na região Nordeste poderá levar à demissão de 280 mil trabalhadores rurais, segundo cálculos da Unida (União Nordestina dos Produtores de Cana).

A entidade apresentou o número durante uma audiência pública no Supremo Tribunal Federal sobre queima em canaviais que ocorreu nesta semana.

Os debates da audiência giraram em torno de um recurso apresentado pelo Estado de São Paulo questionando uma lei aprovada pelo município de Paulínia que proíbe a queima da palha de cana na região.

Embora a legislação seja municipal, sua aprovação tem visibilidade nacional e pode afetar os custos de produção do segmento no restante do país, afirmou a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil).

A Unida defende uma transição da legislação compatível com a realidade de adaptação do setor. O prazo defendido pelos canavieiros é de, no mínimo, 15 anos para a lei passar a valer.

"O fim da queima inviabiliza mais de dois terços da cultura na região", disse o presidente da Unida, Alexandre Andrade Lima.

Segundo Lima, a eliminação das queimadas de canaviais localizados em pequenas propriedades e áreas com declividade superior a 12 graus aumentará o desemprego e inviabilizará grande parte das pequenas e médias propriedades.

A prática, disse a entidade, é indispensável nas áreas com declives médios porque as máquinas são incapazes de realizar a ação. Apenas 31% dos canaviais nordestinos apresentam área plana.

Embora seja responsável por 12% da produção de cana no Brasil, o Nordeste emprega 35% de toda a mão de obra nele ocupada.

"É preciso sensibilidade para evitar um caos na região, principalmente, porque a maioria dos trabalhadores é analfabeta e terá dificuldade de ser reaproveitado em outros setores", diz Lima. "Além do mais, lembra o dirigente, a colheita mecanizada ainda está longe de se tornar uma realidade compatível com a topografia acidentada da região".

---

### **BNDES e BB são os maiores credores da usina de etanol de amigo de Lula. David Friedlander – O Estado de São Paulo, Economia. 24/04/2013**

*De propriedade do pecuarista José Carlos Bumlai, amigo pessoal do ex-presidente, a Usina São Fernando tem uma dívida de R\$ 1 bilhão com 15 instituições financeiras*

SÃO PAULO - Mais da metade da dívida bilionária da usina de açúcar e álcool do empresário José Carlos Bumlai, amigo e conselheiro do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, está nas mãos de bancos do governo federal. A Usina São Fernando entrou em recuperação judicial dias atrás e pendurou uma dívida de R\$ 1,2 bilhão. Desse montante, cerca de R\$ 540 milhões são financiamentos concedidos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e pelo Banco do Brasil (BB) ainda no governo Lula.

A São Fernando deve impostos, pagamentos a fornecedores e salários de empregados, mas seu principal problema é com 15 bancos, credores de mais de R\$ 1 bilhão. Entre eles estão Bradesco, Santander, BTG, Itaú e BNP. Mas as dívidas com essas instituições são bem inferiores aos cerca de R\$ 300 milhões que o BNDES tem a receber ou aos R\$ 240 milhões emprestados pelo BB.

Foram essas duas instituições que financiaram a construção da Usina São Fernando, localizada em Dourados, no Mato Grosso do Sul. A operação com o BNDES foi aprovada em dezembro de 2008, logo depois do início da crise financeira global, numa fase em que os bancos privados se recolheram e pararam de emprestar. Mas o projeto da família Bumlai já estava em andamento, embalado pelo estímulo do governo Lula ao aumento da produção brasileira de etanol.

"O BNDES financia a indústria e o Banco do Brasil financia o agronegócio. São bancos voltados para esse tipo de investimento", disse ao Estado o empresário Guilherme Bumlai, filho de José Carlos. "É preciso separar as coisas: o amigo do ex-presidente é meu pai, quem toca a usina sou eu e meu irmão Maurício". Procurados, o BNDES e o BB não quiseram se manifestar.

*Amizade.* Pecuarista tradicional do Centro-Oeste, José Carlos Bumlai conheceu Lula por intermédio do ex-governador do Mato Grosso do Sul, José Orcírio Miranda, o Zeca do PT. Na campanha de 2002, o então candidato Lula gravou peças para o horário político numa das fazendas de Bumlai. Tornaram-se amigos a tal ponto que o pecuarista era recebido mesmo sem marcar hora pelo ex-presidente no Palácio do Planalto. Bumlai virou uma espécie de conselheiro de Lula para o agronegócio e passou a fazer parte do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social de Lula.

A ideia da Usina São Fernando surgiu entre 2006 e 2007, numa parceria entre Bumlai e uma família do agronegócio que progrediu muito no governo Lula, a Bertin. Donos de um grupo de frigoríficos que foi fortemente apoiado pelo BNDES, os Bertin acabaram quebrando e seus frigoríficos foram comprados pelo concorrente JBS, com mais dinheiro do BNDES. Bumlai ficou sozinho no negócio, mas as margens apertadas e o endividamento acabaram pressionando a empresa. A usina, com capacidade para moer 4,8 milhões de toneladas de cana por ano, faturou cerca de R\$ 500 milhões no ano passado.

*Plano.* No fim do ano passado, os Bumlai capitalizaram a usina com mais de R\$ 300 milhões e renegociaram dívidas com alguns credores. Treze dias atrás, pediram recuperação judicial. Agora, vão deixar de pagar suas dívidas pelos próximos seis meses.

"A intenção é apresentar aos credores um plano de recuperação em 60 dias", afirma o advogado Joel Bastos, do escritório Felsberg e Associados. "O que buscamos com a recuperação é alongar os prazos de pagamento e conseguir taxas de juros compatíveis com o setor", o que não acontece hoje, diz Guilherme Bumlai.

---

### **Análise: Investimentos só retornam com plano de longo prazo para etanol. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Mercado. 24/04/2013**

O programa de apoio do governo ao setor sucroenergético ajuda, mas não resolve. É muito pequeno em relação ao que foi perdido nos últimos anos pelos produtores.

Essas perdas ocorreram tanto pela crise financeira de 2008, que deixou as empresas sem crédito, como pela política enviesada do governo para o setor, principalmente quando privilegiou a gasolina, sem adotar as mesmas medidas para o etanol.

Não deixou de ter reflexos também nessa situação difícil das usinas projetos com foco errado no início da euforia do álcool combustível.

O sonho de o etanol avançar cada vez mais na matriz energética do país ficou distante. E essa distância pode ser medida na remuneração das usinas nos últimos anos.

Em alguns meses de 2004, 2005 e 2008, o etanol para o mercado interno chegou a remunerar mais do que o açúcar para as usinas.

Mas o combustível foi perdendo forças e, em março de 2010, o açúcar remunerava 150% mais do que o etanol.

Os dados mais recentes de Mirian Bacchi, pesquisadora que acompanha essa paridade no Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), já indicam uma remuneração de apenas 4% mais para o açúcar.

Ou seja, o setor perdeu os atrativos dos preços do etanol vigentes antes da crise de 2008 e agora perde também os da forte demanda mundial por açúcar, devido a um equilíbrio mundial no setor.

Essa redução de preços dificulta uma recomposição das margens das empresas.

A situação é ainda mais complicada para os novos projetos, muitos deles voltados apenas para o etanol.

Sem açúcar para compensar as perdas no álcool, essas usinas viram os problemas no caixa se agravarem mais nos últimos anos.

#### **QUEDA DE PREÇO**

O consumidor deverá ter um bom alívio nos preços do etanol a partir de agora. Essa queda, porém, não será efeito das medidas atuais de isenção de tributos, uma vez que os efeitos deverão ficar concentrados mais no caixa das usinas e das distribuidoras.

Essa retração ocorrerá porque a produção cresce na safra 2013/14, elevando a oferta de álcool. Pressionadas por custos e necessidade de caixa, as usinas desovam a produção para fazer receitas.

Mesmo antes das medidas do governo, os preços já começaram a recuar. Segundo o acompanhamento diário do Cepea, a queda foi de 4,5% na semana passada nas usinas.

Os produtores vão encontrar, ainda, um outro problema neste ano. Os países desenvolvidos colocaram os programas para obter uma matriz energética mais limpa na sala de espera, devido aos sérios problemas econômicos mundiais, principalmente na zona do euro.

Além disso, os Estados Unidos recompõem a safra de milho e deverão importar menos etanol. A quebra de 100 milhões de toneladas de milho, no ano passado, forçou os norte-americanos a elevar as importações de etanol.

As medidas do governo não dão diretrizes de longo prazo e claras para o etanol na matriz energética. Só assim os investimentos no setor voltariam com mais intensidade.

---

### **Mecanização tem avanço lento em canaviais "independentes". Fabiana Batista e Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 25/04/2013**

A área de cana-de-açúcar mecanizada no Estado de São Paulo atingiu 72,6% na safra 2012/13. Segundo dados da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), a utilização de máquinas para evitar a queima na hora da colheita ficou em 85% nas usinas. O gargalo ainda está nos fornecedores independentes: o percentual fica pouco acima dos 50%.

De acordo com o dado mais recente do governo paulista, dos 4,66 milhões de hectares de cana colhidos no Estado no ciclo recém-finalizado, 3,38 milhões foram de cana crua e 1,28 milhão de cana queimada, configurando o percentual médio de 72,6% para o Estado. No ano passado, eram 65,5%.

Municípios como Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Barretos, Campinas, Franca e Araçatuba ultrapassaram os 70% de área mecanizada. Os piores percentuais estão em Alto Alegre, com 82% de 12,1 mil hectares plantados queimados, seguido por Flórida Paulista (72,5%) e Parapuã (69,2%).

A dificuldade na implementação de máquinas entre os fornecedores pode ser explicada por se tratarem de áreas menores e menos capitalizadas que as usinas, diz Carlos Eduardo Beduschi, diretor de desenvolvimento sustentável da coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais da Sema.

A tendência é que muitos fornecedores de pequeno porte tenham, no futuro, que deixar de cultivar cana-de-açúcar por falta de mecanização. O prazo para o fim da queima

entre os que não assinaram o Protocolo Agroambiental é fim de 2017 nas áreas mecanizáveis (declividade menor que 12%).

Segundo a Canaoeste, a maior associação de fornecedores de cana do país, somente 50% ou 60% da área de 150 mil hectares de seus integrantes está mecanizada. A outra parte está dividida entre os que buscam alternativas para colher mecanicamente e os que têm resistências em migrar para a colheita mecânica, diz o presidente da Canaoeste, Luiz Carlos Tasso. "Para mecanizar a colheita, é preciso mudar a forma de plantar e muitos não aceitam alterar o manejo que sempre adotaram". São considerados pequenos na Canaoeste produtores que colhem menos de 5 mil toneladas de cana por safra.

Os associados estão distribuídos em mais de 80 municípios paulistas, entre eles Sertãozinho, um dos mais tradicionais do Estado. Os que mecanizaram, o fizeram em parceria com usinas ou compraram máquinas em consórcio com outros produtores rurais menores.

Alguns produtores, diz Tasso, não vão se adequar à mecanização e, por isso, terão de parar de plantar cana. "Produtores que colhem abaixo de 20 mil toneladas vão deixar de existir". O problema, segundo ele, é que a necessidade de escala na agricultura também limita os que querem mudar para outras culturas, como os grãos.

O valor do investimentos em máquinas também é alto, o que restringe a participação de pequenos. Uma única máquina de colher chega a custar R\$ 900 mil. Além disso, só a máquina não é suficiente para realizar o processo que demanda caminhões e transbordos.

Alguns, no entanto, encontram suas próprias soluções. O descendente de italianos Paulo Sérgio Passella resolveu vender sua área de 26 hectares de cana em Sertãozinho para comprar outra, com 84 hectares, em Conceição de Alagoas, no Triângulo Mineiro, a 207 quilômetros do município paulista. Com isso, ele conseguiu mecanizar a colheita, uma vez que diluiu os custos de investimento e manutenção em sua área maior, e a partir da parceria com outros produtores vizinhos que fornecem para a mesma usina. Como a terra nessa região ainda não tinha sido usada para cultivo de cana, a produtividade atingiu 110 toneladas por hectare, ante os 80 que colhia em Sertãozinho. "Minha rentabilidade dobrou", afirma Passella.

Mas não serão apenas os pequenos que devem perder com a mecanização. As usinas também terão que abandonar áreas que não forem passíveis de serem mecanizadas. Conforme Beduschi, 8% da área total de cana plantada no Estado tem declividade acima de 12%, o que impede a sua mecanização com o maquinário disponível hoje no mercado. "A indústria está tentando desenvolver máquinas que possam ser usadas em montanhas, mas se não conseguir, essas áreas terão que migrar para outras culturas", diz Beduschi.

A Raízen, a maior companhia do segmento, considera esse cenário em suas projeções. O vice-presidente de Açúcar e Etanol da empresa, Pedro Mizutani, diz que, salvo se novas tecnologias forem desenvolvidas até lá, a empresa deve perder 1 milhão de toneladas de cana (do total de 55 milhões de toneladas que processa hoje) no Estado de São Paulo por conta da mecanização. "São áreas de topografia mais acidentada, principalmente em Piracicaba", diz ele.

Para compensar parte da perda, a Raízen comprou há pouco mais de um ano a cana-de-açúcar da usina São José, que significou 900 mil toneladas da matéria-prima. "Se não fosse essa compensação, a perda alcançaria 1,9 milhão de toneladas", afirma Mizutani.

O protocolo agroambiental foi assinado por 164 usinas do Estado em 2007 como forma de antecipar as datas-limite estipuladas pela lei paulista, tendo em vista os problemas ambientais e de saúde provocados pela queima. Pela legislação, áreas mecanizáveis têm até o fim de 2021 para colocar as máquinas no canavial e áreas não mecanizáveis

(declive superior a 12%) até o fim de 2031. Com o protocolo, as usinas participantes precisam finalizar a mecanização em 2014 e 2017, para áreas mecanizáveis e não mecanizáveis, respectivamente.

As signatárias do protocolo são responsáveis por 96% da produção paulista e 48% da produção nacional de etanol. Além de São Paulo, Minas Gerais e Paraná desenvolveram protocolos ambientais similares que preveem a antecipação do fim de queima da cana-de-açúcar.

---

### **Etanol volta a ter condições para recuperar mercado – O Globo, Opinião. 25/04/2013**

*Produção no Brasil se estagnou devido à perda de capacidade de investimento do setor, a problemas climáticos e à política de preços equivocada definida pelo governo*

O Brasil é o segundo maior produtor de etanol, e disparado o primeiro que fabrica tal combustível a partir da cana-de-açúcar. Os Estados Unidos, que são líderes desse mercado, produzem etanol tendo como matéria prima o milho, principalmente. Subsídios à agricultura estimularam a produção americana, enquanto que no Brasil ela se estagnou.

Não foi por falta de demanda, pois cerca de 90% dos automóveis que saem das montadoras brasileiras, hoje, têm motores adaptados tanto para o uso da gasolina como do etanol. Uma série de dificuldades fez com que a oferta de etanol não atendesse a esse mercado potencial. As empresas eram relativamente pequenas para o desafio que tinham à frente, e, no processo de fusões e incorporações que se seguiu, muitos grupos acabaram se endividando excessivamente. A cana só é um bom negócio quando produzida em grandes quantidades e em áreas que não estejam distantes das usinas que a processam, pois o custo de transporte dessa matéria prima pode simplesmente inviabilizar a produção de açúcar e/ou do etanol.

Canaviais precisam ser renovados de tempos em tempos (em média, a cada seis anos) para manterem índices de produtividade razoáveis. Endividado, o setor retardou essa renovação, devido à perda da capacidade de investimento. No caso do estado de São Paulo, que responde pela maior parte da produção brasileira, houve também uma mudança significativa no processo de plantio e colheita. O trabalho passou a ser mecanizado, e até que a técnica fosse dominada pelos produtores ocorreu considerável perda de matéria prima.

Todas essas dificuldades se agravaram devido a problemas climáticos que reduziram o teor de sacarose da cana colhida em várias safras. Além disso, o etanol compete diretamente com a gasolina, cujos preços permaneceram “congelados” por longo tempo, por decisão do governo, que ignorou as cotações internacionais desse derivado do petróleo, causando grandes prejuízos à Petrobras.

Ainda que essa situação não tenha se normalizado completamente, os preços dos combustíveis já foram em parte corrigidos. A escassez de etanol se deu exatamente em momento de forte crescimento do mercado de combustíveis. E diante da política equivocada de preços definida pelo governo, a Petrobras teve de importar elevados volumes de gasolina, pagando mais caro do que o repassado ao mercado doméstico. Aos prejuízos financeiros se somaram os de ordem ambiental.

O governo agora anuncia um programa de estímulo à produção de etanol, anulando a tributação que contribuía para o produto ser menos atraente que a gasolina para os consumidores da maioria dos estados. A economia e a natureza agradecem.

---

**Endividadas, indústrias estão fechando as portas. Ronaldo D'ercle – O Globo, Economia. 27/04/2013**

*Subsídios à gasolina, problemas climáticos e custos elevados tiram competitividade do setor*

SÃO PAULO - Festejada como potência mundial, a indústria brasileira do etanol vive tempos difíceis. Nos últimos quatro anos, das 330 usinas do Centro-Sul do país, 40 fecharam as portas e outras dez devem parar de moer cana de açúcar neste ano. Endividada e sem novos projetos de investimento, a indústria da cana deve encerrar a atual safra operando com 96% da capacidade instalada, nível delicado diante das perspectivas de aumento de 13% na demanda anual de etanol no mundo e de crescimento do mercado doméstico.

Entre 2011 e 2012, problemas climáticos fizeram com que o país produzisse quase 100 milhões de toneladas a menos que em 2010, mas a atual safra deve chegar a 635 milhões de toneladas, de acordo com a Datagro, consultoria especializada no setor.

— Voltando ao patamar de 2010 e com o fechamento de usinas, a moagem começa a ficar próxima da capacidade efetiva do setor. E não existe ainda um ambiente que estimule o setor privado a investir em capacidade — diz Plínio Nastari, da Datagro.

Estudo do banco Itaú BBA sobre o setor constata que, dos 147 grupos produtores de etanol e açúcar do Centro-Sul do país, 90 (responsáveis por 28,5% da produção nacional) estão excessivamente endividados e precisam passar por processos de fusão ou aquisição ou terão de encerrar as atividades.

— A paridade com o preço da gasolina, controlado pelo governo nos últimos anos, levou a um valor para o etanol que não remunera os investimentos e, em muitos casos, gera prejuízo. Por isso, entre as empresas a ordem é sobreviver. Investir, nem pensar — diz Alexandre Figliolino, diretor de Agronegócio do banco Itaú BBA.

Os custos elevados desde a crise de 2008, que pegou a maioria das empresas muito endividadas, combinados com os problemas climáticos que afetaram as safras de cana e a manutenção do subsídio à gasolina minaram a competitividade do etanol. Resultado: a participação do álcool (hidratado e anidro) no consumo interno de combustíveis para veículos leves desabou de 45%, em 2010, para 31,7% ano passado.

***Exportações estão crescendo***

Ao mesmo tempo, as exportações dessa fonte de energia limpa só aumentam: chegaram a 3 bilhões de litros em 2012 e devem atingir os 4,1 bilhões de litros este ano, segundo a Datagro.

Marcos Fava Neves, professor da Faculdade de Economia da USP em Ribeirão Preto, considera a falta de estratégia do governo para o setor “o grande equívoco de política pública” do governo Dilma Rousseff.

— O etanol é reconhecido como um combustível avançado nos Estados Unidos e, por isso, tem tributação diferenciada. Aqui, não tem — diz Fava Neves. — Tenho viajado o mundo e as pessoas não entendem o que acontece aqui.

De acordo com a Unica (entidade que representa as usinas do Centro-Sul), o país precisa instalar ao menos cem novas usinas de etanol e açúcar até 2020. Só que desde 2008, diz Antonio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da Unica, nenhum novo projeto foi aprovado. Quadro que o pacote anunciado semana passada pelo governo pouco deve mudar.

— Os incentivos anunciados pelo governo contribuem para recompor as margens de operação e reforçar o caixa. Mas não há nenhuma diretriz nova na política energética e nenhuma indicação de que o etanol terá maior peso na matriz energética. Sem isso, não



vale a pena investir no aumento da produção — diz um usineiro que pediu para não ser identificado.

---

### **Mistura de etanol na gasolina muda e produtores faturam R\$ 2,9 bi a mais. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 29/04/2013**

*A partir de maio a mistura de álcool na gasolina que hoje é de 20% volta a ser de 25%*  
SÃO PAULO - Nesta quarta-feira, dia 1 de maio, volta a vigorar a mistura de 25% de etanol anidro na gasolina, porcentual que havia sido reduzido para 20% em outubro de 2011.

Anunciada no final de janeiro, a medida deve gerar um faturamento adicional de R\$ 2,88 bilhões por ano aos produtores, tomando por base o consumo em 2012 e um preço médio de R\$ 1,35 o litro (na usina), segundo cálculos de Marcos Fava Neves, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo e integrante do Centro de Conhecimento em Agronegócio (Pensa), também da USP.

A expectativa é de que, por mês, o consumo médio de anidro pelas distribuidoras salte de 653 milhões de litros no ano passado para 830 milhões neste ano, afirma Neves.

O aumento vem na esteira de uma série de estímulos anunciados pelo governo com o intuito de dar maior competitividade ao biocombustível.

A desoneração da alíquota PIS/Cofins, de 5,6% para 1%, por exemplo, também passa a valer a partir deste 1º de maio. As medidas justificam as expectativas de uma safra mais alcooleira no Centro-Sul do Brasil.

Projeção da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) indica que a região irá usar 53,78% da oferta de cana-de-açúcar para a fabricação de etanol, porcentual que em 2012/13 foi de 50,46%.

O total de cana alocada para a produção de açúcar deve cair de 49,54% para 46,22% de um ciclo para o outro. O mix das 47 associadas da Copersucar, por exemplo, deve ficar em 55% para etanol e 45% para açúcar.

A Usina Itamarati, em Mato Grosso, pretende alocar 65% do total de cana processada na safra para o biocombustível e apenas 35% para o açúcar, diz o presidente da empresa, Sylvio Coutinho. De acordo com ele, 95% da produção de anidro já está contratada.

O aumento da demanda gerado com esse reajuste da mistura não preocupa o setor. "As usinas se modernizaram, aumentaram a capacidade de produção", diz Coutinho.

"Todo incremento de mercado é muito bem-vindo e estamos trabalhando com clima favorável, que vai ajudar na produção de etanol", complementa Adriano Dias, superintendente da Associação dos Produtores de Álcool e Açúcar do Paraná (Alcopar).

O que ainda incomoda o setor, segundo representantes, é a falta de uma política energética definida no Brasil. "Não podemos ficar como estamos hoje. Temos de ser administrados com planejamento de médio e longo prazos", afirma Dias, que também defende um aumento de 15% no preço da gasolina para tornar o etanol mais competitivo.

"Isso não acaba com as dificuldades do setor, mas ajuda", afirma Coutinho, referindo-se ao reajuste da mistura de anidro na gasolina.

---

## RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### Etanol

#### **Nos EUA, Campos diz que Petrobras vive situação 'indesejável'. Raul Juste Lores – Folha de São Paulo, Poder. 11/04/2013**

O governador de Pernambuco, Eduardo Campos, disse nesta quinta-feira (11) que a Petrobras vive uma situação "indesejável" por "banciar um custo do combustível de maneira a contribuir com a contenção do processo inflacionário".

Em visita a Washington para um seminário no BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), o governador afirmou que o controle do preço da gasolina para evitar mais inflação "afetou a empresa, os acionistas e o governo e severamente a um setor que o Brasil construiu de forma inovadora, o sucroalcooleiro".

"Essa fase precisa ser superada. Ainda não o foi com esse último reajuste da gasolina", disse. "Não se pode cair na armadilha de ter um preço que não seja de classe mundial."

Campos, que tem dados vários sinais de que será candidato à Presidência em 2014, disse que é "preocupante" que a taxa de inflação e a de crescimento do PIB sejam divergentes. Reforçando seu pessimismo, disse que houve "alteração nos últimos meses das perspectivas de futuro" e que "2012 foi pior que 2011, que já foi pior que 2010".

Sob críticas em seu partido dos que preferem a permanência na coligação governista do que em uma candidatura solo, Campos respondeu que "é muito bom quando os partidos têm debate, o PSB tem vida democrática".

Evitou dar receitas ao governo. "Aumento de juros não pode ser proibido, nem obrigatório", disse, mas reclamou que os municípios sofrem de esgotamento fiscal -- "não dá mais para aumentar as despesas e fazer desonerações em tributos compartilhados".

As declarações foram feitas logo após uma palestra na sede do BID, dentro do seminário "Inovação no setor público: fortalecendo a capacidade institucional do Estado para resultados".

Nele, falou como a criminalidade em seu Estado caiu, de avaliação de professores, ensino médio em tempo integral e de que os 1600 melhores alunos de idiomas do Estado ganhariam bolsas para fazer intercâmbio em outros países para estudar inglês e espanhol. Mostrou números do crescimento do PIB e disse que decidiu fazer um governo de "ruptura com velhas práticas".

Ainda agradeceu ao movimento "Brasil Competitivo", citando nominalmente o seu criador, o empresário Jorge Gerdau, por ter apoiado o empréstimo de "70 consultores por dois anos" para modernizar a gestão do Estado.

---

#### **Estrangeiros são a nova geração de usineiros. Germano Oliveira – O Globo, Economia. 27/04/2013**

*Crise abre oportunidades para investidores, que já têm 33% da produção de açúcar e álcool no país*

RIBEIRÃO PRETO (SP) - Bandeiras estrangeiras, sobretudo americanas, francesas e inglesas, tremulam nos mastros das usinas de açúcar e álcool do Brasil, que iniciou esta semana na região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, a colheita da maior safra de cana-de-açúcar da História. Enfrentando uma crescente desnacionalização, o setor

atingiu no ano passado uma marca impressionante: os estrangeiros foram responsáveis por 33% da produção brasileira de açúcar e álcool. Em 2010, a participação era de apenas 12%. Em 2006, quando o processo de internacionalização começou, a presença dos estrangeiros era de somente 3%. Nessa velocidade, a estimativa é que em breve o setor será totalmente dominado pelo capital externo, conforme levantamento da Datagro, empresa que presta consultoria à Organização Internacional do Açúcar.

Assim, este ano pelo menos um terço das 654 milhões de toneladas de cana que serão colhidas no país (11% a mais do que no ano passado) será para abastecer usinas de capital estrangeiro. Só a produção de açúcar será 13,6% maior este ano (43,5 milhões de toneladas). Os usineiros produzirão também 25,7 bilhões de litros de etanol, com um aumento de 9% sobre o ano passado. Um recorde total, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Os estrangeiros estão sendo atraídos pela alternativa mundial do álcool como combustível limpo e também pela crise dos usineiros brasileiros, pertencentes a tradicionais famílias, especialmente em 40 municípios no entorno de Ribeirão Preto, que produz 60% da produção nacional. Somente nos últimos quatro anos, 42 usinas de açúcar e álcool fecharam as portas. Muitas, no entanto, estão sendo compradas pelo capital internacional.

Um exemplo dessa expansão estrangeira no setor aconteceu nesta última sexta-feira em Ivinhema, no Mato Grosso do Sul, com a inauguração de uma grande destilaria de etanol pertencente à Adecoagro, do megainvestidor americano George Soros. Ele investiu US\$ 900 milhões (ou aproximadamente R\$ 1,8 bilhão) na filial brasileira da empresa, que tem sede na Argentina. Há dois anos, a anglo-holandesa Shell se associou ao empresário Rubens Ometto, e virou dona da metade das 24 usinas brasileiras pertencentes à Raízen, empresa resultante da fusão e que é segunda maior do setor, com 9,5% da produção nacional de açúcar e álcool. Até 2020, a Shell pode exercer o direito de comprar 100% do capital da empresa.

— Por enquanto, não pensamos em mudar nada na nossa parceria com a Shell. Estou muito feliz com o negócio do jeito que ele está — desconversou Rubens Ometto.

Além da Shell, os americanos da Bunge e da Cargill já são donos de dezenas de destilarias. Só a Bunge tem sete usinas. Os franceses da Louis Dreyfus Commodities (LDC) são proprietários de outras 12 usinas da Biosev, a terceira maior empresa do setor, com 7% de toda a produção. A primeira ainda é a brasileira Copersucar, que tem 34 usinas e 23% da produção brasileira. A indiana Renuka tem quatro usinas (duas no Paraná e duas em São Paulo), com capacidade para a moagem de 13 milhões de toneladas. O objetivo é exportar açúcar e etanol para a Índia, que começa este ano um programa de misturar 5% de álcool na gasolina.

### ***Estrangeiros investiram US\$ 22 bilhões na compra de usinas***

A chinesa Noble, de Hong Kong, tem duas usinas no Brasil e os japoneses da Sojitz já detém 30% do capital da ETH Bioenergia, do grupo Odebrecht, que tem 9 usinas para processar 22 milhões de toneladas de cana. Os franceses da Tereos foram os primeiros a chegar ao mercado brasileiro, com a compra da Açúcar Guarani, que tem sete usinas no país. Hoje, a Tereos tem 50% do capital nas mãos da Petrobras e capacidade para processar 21,5 milhões de toneladas de cana. Assim como a poderosa Petrobras, outra petroleira, a British Petroleum (BP), comprou recentemente usinas em Goiás e Minas Gerais.

De acordo com levantamento da Datagro, os estrangeiros investiram US\$ 22 bilhões (ou R\$ 44 bilhões) na compra de usinas brasileiras de açúcar e álcool.

— O capital estrangeiro é bem vindo. Não fosse ele, certamente não teríamos aumento da produção este ano. Os estrangeiros é que tem crédito, que estão investindo na

modernização das indústrias e na renovação dos canaviais — disse Antonio de Pádua Rodrigues, diretor da União da Indústria da Cana de Açúcar (Unica).

As empresas internacionais, contudo, não estão se tornando donas das terras. Até porque, a Advocacia Geral da União (AGU) fez um parecer limitando em 2010 em cinco mil hectares o volume de terras em mão de um estrangeiro. Com isso, as empresas estão comprando só as usinas. A terra em que plantam é arrendada dos produtores brasileiros ou adquirem toda a safra dos canavieiros nacionais.

Essa é uma das razões que leva o diretor da Unica a não ver risco dos estrangeiros dominarem o setor. Antonio de Pádua Rodrigues acha mais perigoso o que está acontecendo com a falta de investimentos da Petrobras no refino de gasolina, entre outras coisas.

— Será que as empresas estrangeiras continuarão interessadas no setor, depois de anos sem lucratividade? Eles tem mais fôlego financeiro do que os empresários nacionais e estão dispostos a ficar no mercado, de olho no futuro, mesmo não tendo lucro no presente — esclareceu Pádua, para quem, as recentes medidas anunciadas pela presidente Dilma Rousseff, da desoneração do PIS/Cofins e da redução da taxa de juros para financiamentos na modernização de equipamentos e renovação dos canaviais, podem ajudar a minimizar os problemas do setor, mas ainda são consideradas insuficientes para a expansão do segmento. O aumento da mistura de 25% de etanol na gasolina, que passa a vigorar neste 1º de maio, não é vista como incentivo para o setor, mas como benefício para a Petrobras, que passa a importar menos gasolina para abastecer o mercado interno.

O geógrafo Bernardo Mançano, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), contudo, vê riscos da expansão estrangeira à segurança nacional. Afinal, o setor emprega 4,5 milhões de pessoas e responde por 8% do PIB agrícola brasileiro.

— Ao permitir o avanço do capital estrangeiro num setor estratégico, o governo está abrindo mão de estabelecer sua política agrícola, de definir o uso do território para a sua soberania. Hoje quem define a política agrícola é a Organização Mundial do Comércio e o agronegócio. O que mais preocupa é que o capital estrangeiro avança no setor e dentro de dois ou três anos pode chegar a 66% do setor. E o pior, é que o BNDES está financiando muitos desses projetos —disse Mançano.

O auge da invasão estrangeira ocorreu depois da crise mundial de 2008/2009, que afetou intensamente os usineiros brasileiros. Segundo Plínio Nastari, presidente da Datagro, que deu consultoria a 70% dos estrangeiros que vieram para o Brasil a partir de 2005/2006, o capital internacional veio para o Brasil atraído pelo fato do país ser o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, responsável pela exportação de 50% do açúcar mundial e de 43% da exportação mundial de etanol. Nos últimos oito anos, o volume do açúcar exportado pelo Brasil cresceu 48%, enquanto que o resto do mundo teve uma queda de 1%.

— Depois que os estrangeiros vieram para o Brasil, a exportação brasileira de etanol saltou de 1,7 bilhão para 5,1 bilhões de litros. Na safra do ano passado, caiu para 3,3 bilhões, mas este ano já deve subir novamente e deve chegar a 4,1 bilhões de litros. A demanda mundial por etanol está crescendo 13% ao ano e a do açúcar 2,3% ao ano.

A partir do momento em que os estrangeiros começaram a tomar o lugar dos usineiros tradicionais, a produção começou a subir. Em 2004, o Brasil processava apenas 358 milhões de toneladas de cana. Em 2006, com a entrada do capital externo, o país produzia 386,6 milhões de toneladas. No auge do ingresso do capital internacional, a produção de cana subiu para 602,6 milhões de toneladas em 2009 e para 620,5 milhões de toneladas em 2010.

Para este ano, a Conab estima uma produção de 653,8 milhões de toneladas, o dobro do que produzia antes da chegada dos estrangeiros. A produção de etanol, que era de 15,9 bilhões de litros em 2006, deve ser de 25,7 bilhões de litros. A de açúcar era de 25,8 milhões de toneladas e este ano deve ser de 43,5 milhões de toneladas.

Um dos primeiros empresários brasileiros a vender suas usinas para os estrangeiros foi Maurílio Biagi, de Ribeirão Preto, que faz parte do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), do governo Dilma Rousseff. Em 2006, ele vendeu a Cevasa (Central Energética Vale do Sapucaí), que esmaga anualmente 4 milhões de toneladas de cana, para a americana Cargill, uma das maiores empresas do setor alimentício do mundo. Biagi prevê que até 2016 a participação estrangeira no setor será de 50%.

— A maioria das aquisições de estrangeiros no setor ocorre porque o empresário brasileiro está quebrado, cheio de dívidas em bancos. Mas esse não foi o meu caso. Eu já tinha negócios com a Cargill na Síria e El Salvador e acompanhei o esforço dos americanos que queriam entrar no setor de açúcar e álcool de qualquer maneira. Eles quase compraram a Usina Corona. Então, resolvi vender minha usina por entender que era um ótimo negócio — disse Biagi.

A Usina São Francisco, de Sertãozinho, é uma das que resiste ao assédio estrangeiro. Segundo Jairo Balbo, diretor industrial, a empresa sobrevive por ter desenvolvido o projeto Native, que faz produtos orgânicos, além dos tradicionais, e por isso ele se recusa a vender o controle da empresa, que está com a família há 100 anos. Ele vê com bons olhos o capital estrangeiro, mas acha que a crise do setor só vai acabar quando o preço do produtor subir em R\$ 0,40 por litro. Atualmente, um litro de etanol custa R\$ 1,44 na usina, já com impostos, ou R\$ 1,15 sem impostos (para o consumidor, o preço do litro custa em torno de R\$ 2,00).

— A desoneração do PIS/Cofins em R\$ 0,12 por litro, vai ajudar um pouco, mas o importante é que o governo abriu diálogo com o setor. Não acredito que a crise levará à desnacionalização. Os estrangeiros ainda precisam muito de nós. Tanto que eles estão comprando só a parte industrial. A parte agrícola ainda está na mão dos brasileiros. A tecnologia do setor também é nossa. Um bom exemplo da parceria com o capital estrangeiro é o que aconteceu com a Shell. Eles compraram as usinas, mas quem toca a produção são os brasileiros — disse Balbo.

---

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrgio,  
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,  
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,  
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

**Assistentes de Pesquisa**

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**

Diva de Faria



**CPDA** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais  
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: [www.ufrj.br/cpda/oppa](http://www.ufrj.br/cpda/oppa)